

FALAR DA PRIMEIRA MESTRA....



Sou uma Filha de São Paulo, mas não da primeira hora, como tantas irmãs que viveram junto e em contato direto com Mestra Tecla. Considero-me da segunda metade do Centenário, igualmente agradecida por tê-la conhecido pessoalmente, também se com visitas não tão frequentes e presença a distância. Encontrei a Primeira Mestra nos seus últimos oito anos de vida, no longínquo 1956, quando depois de alguns meses fui transferida de Alba para Roma, a fim de continuar o aspirantado com o grupo romano. Ali permaneci todos os anos de formação.

Vivia no mesmo complexo de edifícios onde ela residia. Eu pensava que seria fácil encontrá-la frequentemente. Mas não foi bem assim. A expansão das Filhas de São Paulo na Itália e no exterior exigiam o seu tempo, a sua visita, a sua presença. A própria comunidade de Roma era grande, formada por diversos grupos de professoras e formandas. Lembro-me de quando vinha dar-nos conferências no salão ou no estudo, ou quando, geralmente no domingo de manhã, após a missa, vinha conversar com o grupo ao qual eu pertencia.

Sempre, depois de cada viagem às comunidades do exterior, vinha saudar-nos, trazendo-nos as saudações das irmãs distantes e colocar-nos a par de suas atividades apostólicas e fadigas, entusiasmando-nos e convidando-nos a rezar por elas. Tudo em um clima de muita serenidade e cordialidade. Também quando devia chamar a atenção ou fazer alguma observação, fazia-o com seriedade, mas também com muita delicadeza.

Impressionou-me a praticidade e a clareza das suas exortações, que baseava sobre as cartas de São Paulo para estimular-nos a viver bem a caridade, a vida comum, o apostolado, a oração. Falava com simplicidade, mas tinha o dom de saber encorajar e estimular comunicando o entusiasmo pela missão paulina e o desejo de fazer e viver bem. Impressionou-me muito a normalidade de sua vida tanto em estar presente com as

irmãs nos atos comuns... como nos assim conhecidos *empenhos* (lavar e colocar em ordem a louça), a sua jovialidade nas recreações que a diferenciavam muito das Superiores gerais de outras Congregações que eu havia conhecido.

Assídua na oração, que se percebia ser muito íntima e profunda: sempre no mesmo lugar, sempre na mesma posição orante, ajoelhada com as mãos postas, os olhos baixos. Lembro-me que mais de uma vez parei para observá-la de longe, quando, nas primeiras horas da tarde, voltava do Santuário e se dirigia para a casa Divino Mestre, onde residia. Caminhava com passo decidido, rápido, com comportamento reservado, luminoso, quase a indicar o seu contínuo recolhimento em Deus.

Uma inesquecível recordação particular. Estava próxima a primeira profissão religiosa. Eu havia feito o pedido e sabia que tinha sido admitida, mas conhecendo os meus limites, permaneci hesitante. Como fazia com todas, antes da profissão, Mestra Tecla chamou-me em seu

escritório. Contente com esse encontro pessoal, mas um pouco temerosa, manifestei-lhe meus temores. Ela me ouviu e depois, com muita firmeza e amabilidade me disse: «Sabe, você foi admitida, nós do Conselho, somos guiadas pelo Espírito Santo. Decidimos a sua admissão, mas sob seu impulso. Sabe, o Espírito não se engana. Tenha certeza, vá em frente com fé». Senti, naquele momento, dissiparem-se todas as minhas dúvidas e medos. As suas palavras soaram forte e amavelmente firmes e convincentes. Senti que aquilo que me dizia brotava de uma fé viva e profunda na ação do Espírito Santo. Aquelas palavras, ditas com aquele olhar profundo, luminoso, amoroso, seguro, me tocaram, senti-me encorajada e fortalecida pela sua mesma fé. E a lembrança daquele momento tornou-ser um farol de luz e força que tem brilhado e sustentado o meu caminho. Obrigada, Primeira Mestra!



Rosanna Conti, fsp